

## ***concinnitas***

“Alberti conceptions of concinnitas is the projection of the reason and logic of human thought (though not the human body, in the Vitruvian sense) onto the body and systems of nature, based on an interpretation of organizational principles of nature in correspondence with characteristics of human thought. Concinnitas is that organizational element in nature which transcends any physical product. Concinnitas is related to the Platonic and Neoplatonic conception of God, in that it is an absolute transcendent formed from a reconciliation of opposites. “It is the task and aim of concinnitas to compose parts that are quite separate from each other by their nature, according to some precise rule, so that they correspond to one another in appearance.”<sup>1</sup>

“Hybridization and the reconciliation of opposites in the nature of concinnitas would be a prominent feature in the work of Francesco Borromini in Baroque Rome. In the words of Leo Steinberg, Borromini “delights in the conciliation of opposite principles...In Borromini’s hands, diverse historic styles that are normally incompatible, suddenly mate and agree.”<sup>2</sup>”

John Hendrix, *The Relation Between Architectural Forms and Philosophical Structures in the Work of Francesco Borromini in Seventeenth-Century Rome* (Mellin Studies in Architecture, The Edwin Mellen Press, 2002), p. 15

1. Trans. in Alberti, *On the Art of Building in Ten Books*, p. 302

2. Leo Steinberg, *Borromini’s San Carlo alle Quattro Fontane, A Study in Multiple Form and Architectural Symbolism* (New York: Garland Publishing, 1977), p. 367

“In the piece I showed at MASS MoCA, *One Floor Up More Highly*, 2010, the unity of object and surface dissolves into the concurrence of image and outside world. The coexistence of the imaginary and the material makes for a paradox. Painting is the only place to experience this paradox, which emerges from a nonrepresentative, nonabstract relationship, the absence of any dependence or hierarchy.”

Katharina Grosse in ARTFORUM, Summer 2011, p. 342

A exposição consiste na ocupação do espaço por esculturas e telas, que se distribuem segundo uma dinâmica de afinidades formais e pictóricas.

O que está na origem das esculturas em termos formais é a sua relação com o plano sobre o qual as peças assentam. O seu desenvolvimento formal adequa-se ao plano no qual se apoiam, a parede ou o chão.

Em relação às telas está presente um desenvolvimento linear ao longo da parede criando uma série. O seu ritmo de ocupação na parede relaciona-se com a localização no espaço das esculturas.

O elemento que congrega (ou agrega) as telas e as esculturas, colocadas na parede e no chão, é a pintura. Entendida aqui como um sistema pictórico que se plasma numa superfície, plana ou irregular. Pretende-se que haja um elemento visual que se propaga e impregna todos os suportes, de modo a possibilitar uma primeira leitura da exposição como um todo imediatamente perceptível.

A afirmação da pintura enquanto sistema pictórico essencial, volátil e “vagabundo” pode permitir noutro plano, a superação do que está na génese desta exposição, que é a oposição entre o suporte tradicional da pintura (bidimensional) e uma característica essencial da escultura (tridimensional).

Lourenço de Castro

27 de Novembro de 2011